

Moisés Rocha Farias
Luis Alberto Freitas de Sousa

RESUMO

O *bullying* escolar ainda é uma forte realidade em nossas instituições de ensino, descaracterizando, por muitas vezes, o real sentido do espaço educacional. É uma “ferida” ainda aberta no seio da sociedade, causando dor e preocupação, contribuindo, assim, em alguns casos, para o surgimento de doenças psicossomáticas entre as vítimas desse fenômeno, como também a desestabilização de tantas famílias que, mesmo de forma indireta, são impactadas por esse tipo de agressão. O presente artigo tem por objetivo informar e apresentar algumas das características do *bullying* escolar, tal como (teoricamente) a forma como agressores e agredidos se comportam diante dessa realidade ainda presente em tantas escolas. Visa ainda o despertar de seus eventuais leitores para o combate a essa prática agressiva no âmbito escolar. Por meio de estudos bibliográficos de cunho qualitativo, este artigo foi desenvolvido com embasamento teórico, principalmente nos artigos dos seguintes autores: Antunes e Zuin, Souza e Cunha, Binsfeld e Lisboa, Campos e Jorge. Tal fenômeno precisa ser urgentemente combatido, tendo como principal “arma” de combate uma educação que vise os valores éticos, contribuindo, assim, para a vivência do bem comum e a boa socialização dos educandos em seu ambiente estudantil.

Palavras-chave: *Bullying*. Escola. Sociedade.

ABSTRACT

School bullying is still a strong reality in our educational institutions, often characterizing the real meaning of educational space. It is a “wound” still open within society, causing pain and worry, thus contributing in some cases to the emergence of psychosomatic diseases among the victims of this phenomenon, as well as the destabilization of so many families that, even indirectly, are impacted by this type of aggression. This article aims to inform and present some of the characteristics of school bullying, such as (theoretically) how aggressors and beaten behave in the face of this reality still present in so many schools. It also aims to awaken its eventual readers to combat this aggressive practice in school. By means of qualitative bibliographical studies, this article was developed with theoretical basis, mainly in the articles of the following authors: Antunes and Zuin, Souza and Cunha, Binsfeld and Lisboa, Campos and Jorge. Such a phenomenon needs to be urgently combated, having as its main “weapon” of combat an education that aims at ethical values, thus contributing to the living of the common good and the good socialization of students in their student environment.

Keywords: *Bullying*. School. Society.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo foi redigido com o objetivo de apresentar algumas das características do *bullying* no âmbito escolar e suas proporções de violência, sejam estas físicas, verbais ou indiretas, e, assim, tentar melhor compreender o que leva esses estudantes praticar tal comportamento antissocial, como também o que leva aos “passivos” dessas atitudes aceitarem a repetição de tal violência.

Segundo o Ministério da Saúde, em pesquisa realizada juntamente com a USP de Ribeirão Preto em 2015, é crescente e assustador o aumento de casos de *bullying*, sejam em instituições privadas ou públicas, visto que a escola é e/ou deveria ser lugar de aprendizagem e amadurecimento das ideias, para que daquele espaço de educação saiam pessoas de bem que aprendam a conviver em sociedade e a respeitar as diferenças.

Questionável é ainda o silêncio de muitos docentes que, ao presenciarem tal situação, como o fenômeno do *bullying* escolar, acabam tratando essa situação como uma “brincadeira” entre amigos; em alguns casos, nada fazendo para se evitar ou pôr um fim à violência praticada entre os alunos, como mesmo nos apresenta Antunes e Zuin à sua pesquisa desenvolvida.

Faz-se necessário um aprimoramento, uma revisão da pedagogia que está sendo aplicada em nossas escolas. É preciso ter uma observação aguçada para que se possa perceber até onde os fatos se caracterizam como uma “brincadeira” entre colegas e a partir de onde essa “brincadeira” já se configura como *bullying* para então intervir no momento oportuno, com pulso firme e pedagogia que eduque e não “castigue” os agressores; tendo em vista a “recuperação” destes jovens, instruindo-os a viver como verdadeiros cidadãos e, por conseguinte, dando aos discentes vítimas dessa agressão a oportunidade de sentir-se bem indo à escola sem ter que ser humilhado, agredido ou excluído do lugar que deveria ser de acolhida e partilha do conhecimento e não de estigmas de dor.

O não continuar dessas repetitivas práticas de agressão aos mais “frágeis” alunos depende de uma ação em conjunto com todos da escola, incluindo discentes, professores e funcionários, como também a comunidade do entorno³; visto que a presença dos pais ou responsáveis é de extrema importância para o aperfeiçoamento da educação, tal como da ética estudantil, visando a boa convivência em sociedade dos ditos “futuro do país”. Uma ação interventiva deve ser analisada e tomada sem mais delongas, já que as vítimas do *bullying* escolar aumentam na medida em que a sociedade se

impregna de ódio e aversão aos “diferentes”, contribuindo para a ruína, que é a segregação social.

Este artigo está subdividido em cinco tópicos, desenvolvidos segundo o que foi proposto em cada subtema. No primeiro tópico é abordado uma análise geral sobre o termo *bullying*, e como este fenômeno acontece e quando se dá, tentando, obviamente, observar a sua causa. No segundo tópico é proposto a análise do *bullying* escolar como um fenômeno que vitimiza não só o aluno agredido, como também o próprio agressor, tendo em vista não somente o contexto escolar, mas o familiar e o social. No terceiro tópico, o desenvolvimento do texto está voltado para a problematização do fenômeno *bullying*, demonstrando que não é o bastante mencioná-lo como algo que fere a boa socialização entre os alunos, mas que, para intervir, é necessário tentar melhor compreender o assunto em questão, tendo em vista não somente a colaboração da comunidade escolar, como também inserindo no combate ao *bullying* toda a comunidade do entorno. No quarto tópico é abordado a corrupção da sociedade pelo egocentrismo do homem, que, de certa forma, contribui para o desencadeamento do *bullying* escolar, apresentando ainda alguns relatos de pesquisadores que mencionam o Brasil como o número 1 (um) em casos de *bullying*. No quinto e último tópico é abordada a questão da educação pautada na formação ética e de valores que consolidem a boa relação entre os discentes, que busquem antes de tudo o bem comum, e possam, dessa maneira, se estruturarem como cidadãos respeitosos e que estejam sempre aptos a promoverem e defenderem o respeito às diferenças.

2 BULLYING: O QUE É? COMO SE DÁ? QUANDO SE DÁ?

Não estamos muito longe desde que o termo *bullying* foi referido pela primeira vez⁴ em um estudo de comportamento entre adolescentes. Não se traduz o termo *bullying* para língua vernácula, devido à inexistência de uma palavra que expresse o real significado do referido termo. Portanto, é preferível que se use o termo em inglês⁵.

4 O termo inglês *bullying* foi referido pela primeira vez pelo professor Dan Olweus (1978) da Universidade Bergen, da Noruega, que ao estudar sobre as tendências suicidas entre jovens concluiu que a maior parte destes adolescentes tinha sofrido algum tipo de ameaça ou exclusão no contexto escolar. Olweus utilizou o termo *bullying* referindo-se aos ataques sistemáticos de uma criança “mais forte” contra outra “mais fraca”. (BINSFELD; LISBOA, 2010, p. 78).

5 Opta-se por não traduzir o termo *bullying* para a língua portuguesa devido à inexistência de um termo correspondente direto. Ou seja, não existe uma palavra no idioma português/brasileiro para *bullying*, apenas termos aproximados e idéias (sic) similares. Assim, entende-se que traduções podem reduzir o significado, optando-se por usar o termo em inglês para as publicações científicas, acompanhado de explicação detalhada acerca do mesmo. (BINSFELD; LISBOA, 2010, p. 79).

3 Cf. Artigo científico - **Bullying nos anos iniciais das escolas públicas**: compreender para prevenir. (SOUZA; CUNHA, 2011, p. 06)

Foi na Noruega que o termo foi por primeiro utilizado em um estudo sobre tendências suicidas entre os jovens. A realidade é que se formos analisar muitas dessas atitudes extremas juvenis de “tentar” contra a própria vida, possivelmente encontraremos lá, em seu período de formação colegial, registros de perseguições por parte dos colegas durante toda ou quase toda a formação do ginásio, jovens que foram, sistematicamente, tripudiados, agredidos física ou verbalmente, humilhados, dentre outras situações que, de alguma forma, lhes causasse dor.

Martins (2005) identifica o *bullying* em três grandes tipos. Segundo a autora, baseando-se no estudo teórico de produções na área, o que se chama por *bullying* é dividido da seguinte maneira:

[...] diretos e físicos, que inclui agressões físicas, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorsão de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividades servis, ou a ameaça desses itens; diretos e verbais, que incluem insultar, apelidar, “tirar sarro”, fazer comentários racistas ou que digam respeito a qualquer diferença no outro; e indiretos que incluem a exclusão sistemática de uma pessoa, realização de fofocas e boatos, ameaçar de exclusão do grupo com o objetivo de obter algum favorecimento, ou, de forma geral, manipular a vida social do colega (ANTUNES; ZUIN, 2008, p. 34).

Esse estudo, provavelmente, abriu portas para que tantos outros seguissem essa linha de pesquisa, para assim tentar entender melhor o que se passa na cabeça de tantos discentes que não medem a magnitude de abalo psicológico que certos tipos de “ataques” podem ocasionar na vida de outro ser humano, levando, em alguns casos, a exclusão no âmbito escolar destes que sofrem com tais situações.

É possível observarmos que o fenômeno *bullying*, apesar de ser considerado recente por alguns pesquisadores, não está inserido somente em instituições de ensino público ou delimitado a certa faixa etária, grau de formação acadêmica, localidade ou contexto socioeconômico. O *bullying* pode afetar qualquer pessoa, em qualquer lugar, seja qual for seu grau de instrução. Esses ataques são muito fortes e frequentes no espaço escolar, geralmente as vítimas sofrem caladas, sozinhas e, com isso, acabam se tornando um ser triste, deprimido, assustado e sem perspectiva alguma; dessa forma não lutam por seus direitos e, conseqüentemente, podem, em alguns casos, virem a cometer assassinato dos colegas, passando de vítima a agressor e, por conseqüente, tirar a própria vida, como relatado na citação que se segue:

É importante ressaltar as idéias (sic) e conceituação de autores que ressaltam a mesma ideia desse

tipo de violência que na maioria das vezes a vítima aceita todo o seu sofrimento sem dizer nada a ninguém, porém se transforma em uma pessoa triste, constantemente deprimida e sem perspectivas de lutar pelos seus direitos, nesse caso, ela poderá até optar pelo suicídio. Talvez guarde essa mágoa durante anos e de repente, em um momento de explosão, invada sua escola atire nos colegas e em quem atravessar seu caminho, passando da condição de vítima para agressor, todavia sempre que a vítima opta por matar, ela pratica o suicídio em seguida segundo os especialistas (SOUZA; CUNHA, 2011, p. 04).

O *bullying* não é e não deve ser tratado como uma bobagem ou simples brincadeiras entre os jovens, pelo contrário, deve ser visto como uma grave ameaça que agride e desestabiliza o comportamento respeitoso que se deve ter em sociedade, não fazendo referência ou alusão a uma sociedade estereotipada, mas sim visando a boa relação e ao devido respeito que todo cidadão merece receber e compartilhar.

O *bullying* raramente envolve apenas duas pessoas (agressor e agredido), geralmente uma é a vítima e os agressores agem em grupo, ou seja, o *bullying* é considerado por pesquisadores como um fenômeno grupal⁶. Quando as agressões são ocasionadas em grupo, no ambiente escolar, as mesmas tomam uma maior proporção de desestabilização psicológica do agredido, isso quando se tratando do ambiente escolar, lugar onde se percebe maior registro de tais ataques, como é citado abaixo:

O *bullying*, como dito anteriormente, envolve um fenômeno grupal que aparece explicitamente na escola, uma vez que esta é, após a família, o ambiente de socialização mais importante no início da vida (BINSFELD; LISBOA, 2010 p. 81).

Estudos comprovam que aqueles que cometem *bullying* têm perfil antissocial combinado a um maior porte físico, justamente a força física é o fator amedrontador em relação às vítimas da agressão que geralmente são mais fracas fisicamente e se demonstram mais ansiosas. Contudo, deve ser observada a causa primaz dos repetidos ataques, e, assim, tentar da melhor forma possível erradicar as redundantes agressões, salvaguardando a integridade física e psicológica de ambos discentes.

3 BULLYING ESCOLAR: AGRESSOR(ES) X AGREDIDO

É sempre interessante analisar bem os casos de *bullying* escolar, como também analisar o contexto fa-

6 Cf. Artigo científico – **Bullying**: Um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar. (BINSFELD; LISBOA, 2010, p. 81).

miliar e social nos quais estão inseridos os envolvidos: agressor(es) x agredido. É de suma importância lembrar que por trás de todo aluno que tenha praticado e/ou sofrido *bullying* ou “qualquer” aluno, independente de ter praticado e/ou sofrido *bullying*, existe uma história e muitas vezes não é um bom relato que se obtém para contar. Alguns dos agressores não se sentem felizes ao praticar tal ação maliciosa com seus colegas, porém, como em alguns casos, estes sempre foram vistos como os valentões da escola, ou são incentivados externamente a praticarem tais atos para manter a “pose” ou por receio de serem posteriormente taxados ou rotulados de “fracos” e “medrosos”; continuam a agir maltratando os que são considerados mais vulneráveis e indesejados no âmbito escolar, porém, maltratar outra pessoa para se sentir aceito por outrem, não certifica a ele a felicidade almejada.

Outra possibilidade do agressor também ser vítima, mesmo sendo ele a praticar o ato, é a falta de atenção e afeto não encontrados no seio familiar, onde, em algumas dessas estruturas familiares, a única forma de solucionar problemas é partir para a agressão, como citado a seguir:

Alguns estudos indicam que o agressor provém de famílias pouco estruturadas, com baixo relacionamento afetivo entre seus membros, é fracamente supervisionado pelos pais e vive em ambientes onde o modelo para solucionar problemas é o comportamento agressivo ou explosivo. (CAMPOS; JORGE, 2010, p. 111)

Portanto, praticar *bullying* contra os colegas é uma forma que se tem de chamar atenção, de “gritar” a quem se ama e por quem deseja ser amado: “eu existo!”, “acolham-me!”, “olhem-me!”. É exatamente por essas situações que existem e merecem especial atenção daqueles que trabalham para a erradicação das agressões entre alunos, que frisamos uma melhor aplicação dos métodos pedagógicos dos gestores e docentes das escolas, sejam estas públicas ou privadas. Destacamos, também, um ensino que priorize o colóquio sobre o respeito às diferenças, que antes mesmo da formação intelectual, invista com mais veemência na formação humana dos discentes e que intensifique sempre mais a política do sadio diálogo entre escola e comunidade (pais de alunos e outros interessados).

Enfim, mais vale uma pedagogia que corrija na educação o aluno a reconhecer seu erro e desejar uma possível mudança de comportamento antissocial, do que uma que oprima e amedronte com castigos e “métodos” disciplinares que só fazem com que o aluno crie mais dissabor contra os colegas e até mesmo contra a própria instituição educacional. Até mesmo por que o agressor, pela sua dignidade humana, precisa também ser olhado com amor e respeito, pois, em muitos casos, este possui

imensa vulnerabilidade que é de certa forma “mascarada” para que os demais não percebam sua fraqueza.

E, ao contrário de crenças distorcidas que reforçam a compaixão com relação às vítimas e a fragilidade das mesmas, os resultados mostram a vulnerabilidade dos agressores, que podem ser reforçados pelo grupo a estarem neste papel de dominação, tendo em vista que, na maioria das vezes, são vistos pelos seus colegas como “valentões”, e para manterem-se nesta posição usam de agressividade. Entretanto, pode-se supor que estas crianças não estejam tão felizes quanto parecem, ou quanto se espera que estejam (expectativas sociais), podendo apenas não conseguir sair deste papel por, além de serem reforçados pelos seus colegas, apresentarem um pobre repertório comportamental (BINSFELD; LISBOA, 2010, p. 93).

A sociedade não deve tentar criar “padrões” comportamentais nem transformar suas crianças e jovens em seres robotizados que têm consigo um “chip” que lhes indique a forma de ser ou de agir, muito menos transformar suas escolas e instituições de ensino em centros de “reabilitação” de comportamentos antissociais. No entanto, é necessário dar uma maior e melhor atenção a estas crianças e jovens que constantemente se expõem às vulnerabilidades culturais, a conceitos machistas, a situações preconceituosas e vivência em âmbito familiar carregado de profunda desestruturação psíquica, afetiva e moral. Não é possível que havendo tantas pessoas envolvidas no aprimoramento da educação e engajados conhecedores dos direitos da criança e do adolescente, não se esforcem para estudar meios possíveis de resgatar estas vítimas da sociedade corrompida pelo preconceito e conceitos fundamentalistas para que possam viver como cidadãos de bem, praticando sempre o respeitoso convívio, pois não há lugar mais adequado para se aprender tudo isso após o lar paterno do que a escola, âmbito de socialização com todo o tipo de personalidade, etnia, instrução religiosa, sexual e classe social.

É imprescindível que todos aqueles envolvidos no âmbito escolar, sendo estes gestores, professores, funcionários e outros, estejam atentos a qualquer comportamento suspeito relacionado à prática do *bullying*, e assim, imediatamente, intervir para que tais ações não se prolonguem nem criem raízes na escola, livrando os alunos de possíveis transtornos psicológicos. É de suma importância ainda que as escolas possam reaver tantos os valores morais que hoje em dia parecem esquecidos, obsoletos ou que foram deturpados pela sociedade regida pelo capitalismo em que hora vivemos. São estes princípios morais os grandes e fortes aliados que poderão ajudar a transformar essa realidade de dor, que é o *bullying* em um passado que jamais voltará a ser presente.

É necessário que todos os envolvidos no processo educacional estejam atentos a este vilão que permeia a educação do século XXI e elaborem planos de ação em que valores como o respeito, amor, companheirismo e cidadania sejam constantemente abordados. Conseqüentemente, os ambientes escolares que investirem nesses valores tão esquecidos em tempos atuais, estarão contribuindo para que a prática do bullying venha a se extinguir de nossas escolas (SOUZA; CUNHA, 2011, p. 04).

A observação dos alunos por parte do corpo docente de uma escola é muito importante no combate à prática do *bullying*, visto que, após feito a análise comportamental dos agressores e agredidos pelos professores, já que são estes que passam a maior parte do tempo com os alunos no colégio, poderão estudar uma melhor forma de solução, juntamente com um profissional de saúde mental (se for o caso), frente à problemática das agressões sistemáticas entre os discentes, evitando que o *bullying* se dissemine e ganhe força e, assim, não mais ceife o sonho de muitos outros educandos.

4 BULLYING: CONHECER, VIVENCIAR, INTERFERIR

Hoje em dia o *bullying* é um assunto insistentemente comentado entre os que o conhecem, já que corriqueiramente é algo bastante praticado, seja nas escolas ou em qualquer outro lugar. No entanto, a pergunta que não quer calar é: o que está sendo feito para se evitar esse tipo de agressão nas escolas, já que são elas as “responsáveis” de cuidar e formar os futuros cidadãos para a sociedade? Ainda persiste o questionamento se os responsáveis pela educação dos discentes, seja dentro ou fora da escola, problematizam e tentam conhecer de uma forma mais minuciosa a questão desse fenômeno.

Não basta só mencionar sobre o *bullying*, não basta só reconhecer que o problema existe e que é grave, que atinge a muitos estudantes (agressores e vítimas), é necessária uma ação interventiva contínua de todos os responsáveis pelos alunos, para que tal situação seja coibida, evitada, transformada, para tratar da melhor forma possível essa questão, já que não é de agora que se observa o fenômeno do *bullying* escolar, mas em todo o mundo é configurado como um grave problema social, visto pelo senso comum como indisciplina e delinquência.⁷ Ainda é questionável o que está sendo feito pelos órgãos públicos, como afirmam Campos e Jorge:

É necessária a criação de políticas públicas que proporcionem à escola o conhecimento desse tipo de problema e as devidas ferramentas de enfrentamento. Para que as informações cheguem até

os profissionais, é importante a oportunização de espaços de discussão sobre a violência nas escolas, em especial o bullying, em que alternativas de resolução de problemas sejam colocadas, inclusive o encaminhamento para outras instituições, ou outros profissionais, dos casos identificados como impossíveis de serem resolvidos no interior da escola (2010, p. 124).

É necessário que também aqueles que se dispõem a pesquisar sobre tal comportamento antissocial entre os estudantes, problematizem a questão em si, visto que um estudo realizado de tal forma contribuirá muito mais com a tentativa de ajuda na resolução do problema do que um relato que, depois de feito uma análise social no âmbito escolar, apresente como resposta a essa questão: a pregação da “cultura de paz”. Não que esta não seja importante, muito pelo contrário, mas é indiscutivelmente necessário ir mais além de um discurso de “paz nas escolas”; ações afetivas e efetivas são extremamente necessárias em casa e na escola, e havendo a instrução por parte de quem já se aprofundou no assunto como, por exemplo, pesquisadores, profissionais de saúde, psicólogos, antropólogos, sociólogos etc., a fim de tentarem resolver em conjunto o problema em questão, será bem menos complicado do que quando se tenta resolver sozinho a questão do *bullying* que geralmente envolve fatores econômicos, culturais, sociais e particulares.

Apesar de complexo, é mister trabalharmos a tentativa de compreender o comportamento dos agressores e agredidos e colocar-se numa situação de empatia⁸, sendo fundamental para dar passos rumo a uma resolução do problema que é o *bullying* nas escolas. Não será possível resolver alguns casos desse fenômeno, se o docente ou qualquer outro responsável pelos envolvidos no ato não tentarem se colocar no lugar de ambos os discentes. É necessário tentar compreender bem o que leva ao agressor praticar esses atos compulsivos contra um colega seu, as circunstâncias que o levam a fazer isso, a agressividade com a qual realiza a ação, como também observar e tentar colocar-se no lugar da vítima que, por muitas vezes, silencia diante das agressões e tão apaticamente vai permitindo o prolongar dessa situação.

⁸ Aqui é extremamente importante que os responsáveis pelos alunos tentem se colocar em seu lugar, seja no do agressor seja no da vítima e, assim tentar se sentir como ambos se sentem naquele contexto. Feito esta análise, tentar compreender o que leva um aluno a praticar o *bullying* e outro convir com tal situação de agressão a si. Para se evitar ou por fim as agressões não basta dizer aos alunos “isso não pode ser feito” é necessário mostrar a eles o efeito devastador que o *bullying* pode causar na vida de alguém, no entanto é necessário tentar usar uma linguagem que eles compreendam bem. Eis a importância de tentar sentir como eles sentem, pensar como pensam, para juntos chegarem à resolução do problema em questão.

⁷ Cf. Artigo científico - **Do bullying ao preconceito**: Os desafios da barbárie à educação. (ANTUNES; ZUIN, 2008, p. 33).

O problema do *bullying* escolar deve ser pensado com urgência, já que a escola é grande responsável pela socialização das crianças e seu segundo ambiente de convívio mais importante após o familiar, como relatam Antunes e Zuin, pesquisadores do assunto:

Pensar o problema da violência nesta sociedade, e, principalmente, da violência irracional no ambiente escolar, considerado um dos grandes responsáveis pela socialização das crianças, e, segundo ambiente de convívio depois do familiar, é uma questão importante e urgente (2008, p. 39).

Não é necessário ficar se perguntando se o *bullying* escolar é ou não algo realmente grave. Basta observar a crescente onda de múltiplas violências nas escolas e os efeitos que tem ocasionado pelo mundo afora. Assassínatos nas escolas, suicídios, cada vez mais relatos de alunos depressivos, dentre outros fatores relevantes causados por essas agressões entre os estudantes. O *bullying* escolar é um problema social e deve ser combatido por toda a sociedade e não ignorado por ela, para que não mais se veja tantas crianças e jovens sem esperança de adaptação na escola ou que se sintam impossibilitados de reagirem a tais ataques agressivos como o *bullying*.⁹

5 BULLYING ESCOLAR: SOCIEDADE X EGOCENTRISMO HUMANO

A sociedade marcada pelo egocentrismo e pela intolerância do homem “feriu” o espaço educacional das escolas, impregnando-as de diversas formas de violência, aniquilando as possibilidades da construção de uma sociedade que leva consigo seus valores primordiais, como: alteridade, justiça, equidade, solidariedade, entre outros. É como se a violência, em suas diversas formas de se manifestar, agora tivesse como alvo principal as crianças, adolescentes e jovens, posteriormente os adultos construtores da sociedade vigente. Como então criar perspectivas em uma sociedade livre de adultos corrompidos pela violência, se nem sequer somos capazes de libertar nossas crianças e jovens dos grilhões de um comportamento imoral, dentro de um espaço educacional onde as primícias de sua missão institucional já não conseguem ser levadas adiante ou cumpridas de forma desejável?

Educar com qualidade e responsabilidade social, esse é o caminho. De acordo com os dados do IBGE de 2015, tem-se observado o crescente número de casos da violência em estudo; conseqüentemente, percebe-se que há um hiato entre o que se propõe a missão institucional com os resultados obtidos. É como se paradig-

9 Cf. Artigo científico - **Violência na escola**: uma reflexão sobre o *bullying* e a prática educativa. (CAMPOS; JORGE, 2010, p. 111).

mas de violência fossem se instalando nas escolas e disseminando um comportamento irrefletido, quase que incontrolável entre os alunos.

O Brasil, que vive num estado democrático seguindo a carta magna, estabelece a responsabilidade para si, de maneira que torna-se o primeiro e não o único “responsável” pelo bom funcionamento e ordem nas escolas; contudo, parece atualmente fechar os olhos e silenciar sua voz de “denúncia” diante de uma situação perigosa, que já começa a fugir do controle fazendo cada vez mais vítimas, situação essa que teve estudos sérios iniciados há mais de três décadas.¹⁰

No Brasil, se considera recente esse tipo de estudo sobre violência nas escolas, tanto que boa parte dos brasileiros desconhece esse tema, tal como a gravidade e proporção de seus efeitos.¹¹ Algumas pesquisas realizadas em escolas brasileiras e outra de proporção internacional revelaram que o fenômeno do *bullying* cresceu no país e no mundo, levando-o à primeira posição entre os países pesquisados:

Pesquisas realizadas na região de São José do Rio Preto, interior paulista, e no município do Rio de Janeiro, com o intuito de reconhecer a incidência *bullying*, revelaram que, em média, 45% dos estudantes de escolas públicas e privadas, estão envolvidos no fenômeno, tendo em vista que em 2009 os índices com toda a certeza são bem mais altos do que os anos anteriores da pesquisa. Estudos desenvolvidos pelo Instituto SM para a Educação, em cinco países (Espanha, Argentina, México, Chile, Brasil), evidenciaram que o Brasil se tornou campeão em *bullying*. (SOUZA; CUNHA, 2011, p. 03).

Permanecer em silêncio quando jovens e mais jovens são ridicularizados, humilhados e feridos em sua dignidade humana por outros que, em muitas vezes, também se tornaram vítimas de uma sociedade consumista, egocêntrica e principalmente preconceituosa, é de certa forma aceitar passivamente os efeitos do *bullying* escolar, que desafia a estabilidade do bem comum, a harmonia nas escolas entre os alunos, professores¹², pais e a sociedade como um todo.

São casos e mais casos de violências físicas, verbais, torturas psicológicas que, por conseguinte, levam

10 Os estudos sobre o *bullying* escolar tiveram início na Suécia, na década de 70 e na Noruega, na década de 80. Aos poucos, vem se intensificando nas escolas dos mais diversos países, sendo possível quantificá-lo em índices que variam de 5% a 35% de envolvimento. (SOUZA; CUNHA, 2011, p. 03).

11 Cf. Artigo científico - **Bullying nos anos iniciais das escolas públicas**: compreender para reverter. (SOUZA; CUNHA, 2011, p. 03).

12 O *bullying* se apresenta como um componente particularmente prejudicial à prática docente, uma vez que envolve as relações em sala de aula e o cotidiano escolar em uma atmosfera de desrespeito, tensão e medo. (CAMPOS; JORGE, 2010, p. 115).

alguns jovens a chegarem a aceitação limite de sentimentos reprimidos, fazendo com que em determinado momento estejam estes, no exercício dos estudos ou já concluídos, virem a cometer o assassinato de seus “algozes” e, posteriormente, tirar a própria vida, com o intuito de se “vingar” por todo o sofrimento recebido, causando, assim, uma dor que se perpetuava no interior de sua existência. Vejamos a citação de Souza e Cunha:

Nos Estados Unidos, pelo menos 37 tiroteios ocorridos em escolas foram atribuídos ao *bullying*. O massacre de Columbine é um exemplo de como a vítima pode se transformar em agressor. Na pacata cidade de Taiuva (SP), após anos de ridicularizações, um jovem entra armado na escola, atira contra 50 estudantes e dá cabo à existência. Em Remanso (BA), um adolescente mata seu agressor principal, um garoto de 13 anos, e a secretária do curso de informática. Em Petrolina (PE), uma adolescente e seu colega asfixiam uma garota de 13 anos, por ser alvo de apelidos pejorativos. São casos presenciados no meio de comunicação, exemplo que o *bullying* está presente firmemente no século XXI e que os casos acontecidos são observados sem mera importância, principalmente nas escolas dos anos iniciais que nos últimos anos está ocorrendo com mais frequência. (2011, p. 04).

Evidências que comprovam a gravidade do *bullying* escolar estão visivelmente escancaradas. Documentários, reportagens televisivas, testemunhos de colegas, familiares, professores e até mesmo de vítimas desse fenômeno estão aí para comprovar, basta pesquisar e facilmente se encontrará alguém que tenha sofrido com essa situação, alguns mais outros menos. Pessoas dispostas a combater essa prática de violência nas escolas também existem; contudo, é necessário uma prática combatente incansável, que não dê margem para o continuar das agressões escolares, e a ajuda do Estado é fundamental para o fim do *bullying* escolar.

6 BULLYING ESCOLAR: VALORES ÉTICOS X BEM COMUM

A segregação social é uma realidade global, presenciada também em muitas instituições educacionais. A exclusão dos mais frágeis, mais pobres, daqueles que tiveram menos oportunidades na vida é uma agressão à dignidade humana, e quando em alguns ambientes educacionais não se opta por educar com ética que preze os valores morais, parece haver mais “brechas” para a prática do *bullying* escolar, visto que “educar sem ética não é educação, por outro lado, uma ética que não conduz à educação é, no mínimo, morta, descarnada, abstrata e desumanizante, o que é um contrassenso”.¹³

13 Ética e cidadania na educação. (SOUSA, A. B. R., p. 15).

Para começar a dar passos largos rumo a um basta na prática do *bullying* escolar, é imprescindível começarmos voltar a educar nossas crianças e jovens sob a luz da ética¹⁴, formando cidadãos compromissados com o bem comum; bem este que traz em si o respeito mútuo entre as pessoas, mesmo nas diferenças, sejam estas físicas, étnicas, religiosas, econômicas ou outras quaisquer. O bem comum é algo belo e de suma importância, nele existe grande força transformadora que deve ser partilhado, buscado e conservado por todos, já que “o bem que cada um obtém e conserva para si é suficiente para se dar a si próprio por satisfeito; mas o bem que um povo e os Estados obtêm e conservam é mais belo e mais próximo do que é divino”¹⁵.

Dessa forma, desde o princípio, se nossos jovens forem educados a buscar a vivência do bem comum, a prática do respeito às diferenças¹⁶, desde o âmbito familiar até o escolar, o *bullying* dia após dia será erradicado de nossas escolas, visto que o “bem comum pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral”¹⁷.

A luta por uma sociedade e, por conseguinte, por um ambiente escolar menos preconceituosos, ou seja, que não exclua ou maltrate alguém por ser, viver e pensar de forma diferente daqueles que são considerados socialmente “normais”¹⁸, é questão que deve ser aderida por todos, para que assim se veja no lugar das agressões o respeito mútuo de quem juntos aprendem para um dia ensinar. É necessário ainda tecer uma crítica acerca do sistema educacional que nos é apresentado hoje em dia nos espaços de educação, onde o ensino é “pobre” e, em alguns momentos, parece ter unicamente o intuito de domesticar as pessoas, ou seja, fazê-las seguir simplesmente aquilo que lhe convém, não as ensinando a bem pensar, a se tornarem pessoas críticas e de mentes politizadas. O que se vê cotidianamente é a perda de autoridade dos professores sobre alguns alunos, estes que, irrefletidamente, fazem o que bem entendem em sala de aula como fora dela, não culpabilizando os professores, haja vista o descontrole dos

14 Aqui tratamos à ética não como mera norma ou normas de conduta. Ao contrário, visamos à ética em seu sentido fundamental, ou seja, o ato humano (o fim último do homem: o bem a felicidade).

15 Aristóteles. Ética a Nicômaco, livro I, p. 18.

16 É preciso saber a importância de reconhecer as peculiaridades físicas e afetivo-emocionais de crianças e jovens e incentivá-los a desenvolver e aceitar, antes de tudo, suas próprias diferenças, que os constituem seres únicos. (CAMPOS; JORGE, 2010, p. 116).

17 Papa Francisco. Carta Encíclica “**Laudato Si**”, § 157, p. 95.

18 Os danos físicos, morais e materiais, os insultos, os apelidos cruéis, as gozações que magoam profundamente, as ameaças, as acusações injustas e a atuação de grupos hostilizam a vida de muitos alunos, levando-os à exclusão, por não se enquadrarem em determinado padrão físico, comportamental ou ideológico. (CAMPOS; JORGE, 2010, p. 110).

alunos não se dá somente no espaço escolar, antes inicia-se no próprio lar e se estendendo até à escola.

Não é possível levar adiante uma situação tão complicada e que, por muitas vezes, chega a causar desespero. Por isso, educar eticamente apresentando aos jovens o singular valor dos princípios morais é fundamental para que suas escolhas se tornem livres e responsáveis, visando um futuro com equidade para todos, onde cada um receba aquilo que lhe é necessário para que haja antes de tudo a sua promoção humana, bem como a dignificação de sua vida.

Essa educação deve ter sua base no espaço familiar e aperfeiçoada nas escolas, propulsoras de valores libertadores e não mais de normas escravizadoras. É preciso dar aos jovens que um dia foram ou estão envolvidos pelo *bullying* escolar um novo sentido de vida, um ânimo novo, o vigor necessário para voltar a estudar, já que muitos estudantes perdem o interesse pelos estudos devido às perseguições sofridas:

As vítimas de *bullying*, em geral, ficam amedrontadas e com baixa autoestima, podendo apresentar baixo desempenho escolar, *déficit* de concentração e aprendizagem. Estudos realizados por Olweus (1993) apontam que muitas crianças vítimas de *bullying* desenvolvem medo, pânico, depressão e distúrbios psicossomáticos. Com frequência (sic) resistem ou recusam-se a freqüentar a escola, chegando a trocar de colégio, podendo desenvolver fobia escolar e social e, inclusive, abandonar efetivamente os estudos (evasão escolar). (BINS-FELD; LISBOA, 2010, p. 84).

A “chave-mestra” a destrancar uma porta que possibilite uma formação eficaz e consciente dessas crianças e jovens para a vida é de fato uma educação regida pela ética, que apresente a eles o *bullying* escolar como um grande vilão social que ele é; que massacra e destrói a vida tanto de quem comete como de quem sofre a agressão. “Ética é, acima de tudo, vida com qualidade e significado”.¹⁹ Portanto, ao caminhar de mãos dadas, ética e educação transformarão a realidade do *bullying* escolar em um recomeço para todos os envolvidos. Pois, “Apesar de [o *bullying*] configurar prática comum entre crianças e adolescentes de países diferentes e fazer parte do cotidiano escolar em todas as épocas, deve ser constantemente evitado e combatido”²⁰.

Se a sociedade se unir para combater o *bullying* escolar, que causa dor e separação, será possível uma vivência mais fraterna e virtuosa entre os estudantes, onde prevalecerá sempre o diálogo respeitoso e que possibilite a eles a reaproximação de quem hora se “separou” por causa da intolerância aos diferentes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou o esclarecimento do fenômeno *bullying* no contexto escolar e seus possíveis efeitos em uma linguagem simples e acessível a seus supostos leitores, mesmo àqueles que ainda não tiveram contato algum com o tema. Discutimos a triste situação em que as vítimas envolvidas estão a suportar e a vivenciar cotidianamente, tal como a realidade sofrida que se tem em casa vivenciada por alguns dos agressores do assunto em questão. O *bullying* fez e faz vítimas, deixando marcas profundas de uma ferida social que parece ainda não ter encontrado meios que a sanasse. Contudo, há quem lute pela erradicação do *bullying*, e se a sociedade se unisse pelo fim desse mal, a obtenção de sucesso poderá ser em breve observada, apontando sempre para a educação que resgata e promove a transcendência de valores.

A educação é direito garantido constitucionalmente a todos, portanto, é essencial volver um olhar de esperança a ambas as partes, agressores e agredidos, visto que a sociedade inteira paga quando nossas crianças e jovens não recebem uma educação de qualidade e que não as lancem rumo a um futuro que as possibilitem fazer acertadas escolhas.

O Problema do *bullying* é um problema de todos, já que estamos nós também inseridos na sociedade e contribuimos para sanar tal “ferida aberta na sociedade”, independe de estarmos ou não sofrendo *bullying* ou algum membro de nossa família. De algum modo, a médio ou a longo prazo, sentiremos os efeitos de tal comportamento antissocial, já que as crianças mal formadas de hoje poderão vir a ser os futuros adultos transgressores de amanhã e, assim, teremos que com estes, de certa forma, conviver e, se não nós, a nossa posteridade.

Vale salientar que o que foi redigido neste artigo é apenas um breve relance sobre o que de fato são os efeitos causados pelo *bullying* escolar. Incentivamos aos leitores uma sadia curiosidade e aprofundamento do tema, para quem sabe serem novos engajados no combate a essa prática de violência escolar que é tão nociva a nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. Á. S. **Do bullying ao preconceito: Os desafios da barbárie à educação.** São Carlos, Brasil, 2008. Disponível em: <HTTP://DC Antunes, AAS Zuin - Psicologia & Sociedade, 2008 - SciELO Brasil>. Acesso em: 31 out. 2015.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco.* Tradução do grego de Antônio de Castro Caetano. São Paulo: Atlas, 2009.

19 Ética e cidadania na educação. (SOUSA, A.B.R, p. 27).

20 SOUZA; CUNHA, 2011, p. 10.

BINSFELD, A. R.; LISBOA, C. S. de M. **Bullying**: Um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar. São Leopoldo, RS, Brasil, 2010. Disponível em:<[HTTP://AR Binsfeld, C Lisboa - Interperso-na: AnInternationalJournalon ...](http://arbinsfeld.com.br/interperso-na:AnInternationalJournalon...), 2010 - researchgate.net>. Acesso em: 31 out. 2015.

CAMPOS, H. R.; JORGE, S. D. C. **Violência na escola**: uma reflexão sobre o *bullying* e a prática educativa. Net, Brasília, 2010. Disponível em: <[HTTP://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1636/1302](http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1636/1302)> Acesso em: 30 nov. 2015.

FRANCISCO, P. Carta Encíclica “**Laudato Si**”. São Paulo: Paulus, Ed. Loyola, 2015.

SOUZA, P. S. M. de; CUNHA, H. F. **Bullying nos anos iniciais das escolas públicas**: compreender para prevenir. AEMS – UniSALESIANO, 2011. Disponível em:<[HTTP://www.aems.com.br/conexao/educacaoatual/Sumario-2/downloads/2013/3/1%20\(39\).pdf](http://www.aems.com.br/conexao/educacaoatual/Sumario-2/downloads/2013/3/1%20(39).pdf)>. Acesso em: 31 out. 2015.

SOUSA, A. B. R. Ética e cidadania na educação: reflexões filosóficas e propostas de subsídios para aulas e reuniões. São Paulo: Paulus, 2010.

SOBRE O AUTOR

Moisés Rocha Farias

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE (2013), possui Especialização em Metodologia e Didática do Ensino Superior pela Faculdade Amadeus, (2009), possui Especialização em Educação a Distância pela Universidade Estadual do Ceará - UECE (2014) com Bacharelado em Filosofia pelo Instituto Teológico Pastoral do Ceará (2006). É professor do Centro Universitário Católica de Quixadá - UniCatólica. É membro da Sociedade Portuguesa de Filosofia. É membro do grupo de Pesquisa “Um olhar interdisciplinar sobre a subjetividade humana” ligado ao CNPq e é membro fundador do Grupo de Trabalho Edith Stein-ANPOF. É palestrante em diversos eventos e atua principalmente nos seguintes temas:gênero,ética, empatia e Edith Stein.

E-mail: moisesfarias@unicatolicaquixada.edu.br

Luis Alberto Freitas de Sousa

Aluno do curso de Filosofia – Bacharelado do Centro Universitário Católica de Quixadá.

E-mail: freitass.luis@gmail.com